

'A VERDADE VOS TORNARÁ LIVRES' (Jo 8,32)

Ivone Gebara¹

RESUMO

O atual contexto mundial altamente beligerante em que vivemos, a perplexidade frente aos diferentes acontecimentos, as violências que nos invadem continuamente de muitas formas nos convidam a repensar alguns ensinamentos do Evangelho. Este '*pensar de novo*' nos ajudará talvez a identificar ensinamentos que é preciso re-situar, tradições teológicas cristãs que é preciso recontextualizar para que elas deem frutos no mundo de hoje. Estamos sendo constantemente convocadas/os a rever nossas compreensões, posições e ações em diferentes situações incluindo nossas crenças religiosas.

'A verdade vos tornará livres', afirmação inequívoca presente no Evangelho de João (Jo 8,32) e formulada num contexto de disputa entre Jesus e os fariseus, será o eixo referencial para nossa reflexão quanto ao que vem a ser 'a verdade', quem teria acesso a esta 'verdade', como ela se manifesta -, ou ainda se podemos pensar em um caminho na sua direção, ou seja, em uma 'verdade caminhante'.

PALAVRAS-CHAVE: verdade e liberdade - estudos bíblicos - verdade caminhante – vida em abundância

Introdução

O atual contexto mundial altamente beligerante em que vivemos, a perplexidade frente aos diferentes acontecimentos, as violências que nos invadem continuamente de muitas formas nos convidam a repensar alguns ensinamentos do Evangelho. Este '*pensar de novo*' nos ajudará talvez a identificar ensinamentos que é preciso re-situar, tradições teológicas cristãs que é preciso recontextualizar para que elas deem frutos no mundo de hoje. Estamos sendo constantemente convocadas/os a rever nossas compreensões, posições e ações em diferentes situações incluindo nossas crenças religiosas.

'*A verdade vos tornará livres*', afirmação inequívoca presente no Evangelho de João (Jo 8,32) é formulada num contexto de disputa entre Jesus e os fariseus. Estes o acusavam de não ser fiel à tradição de Abraão, considerado o pai do Judaísmo. E, Jesus se defendia dizendo que fazia as obras que seu Pai (Deus) lhe inspirava. O conflito entre eles é evidente. E, esse mesmo conflito nos convida hoje a retomar as diferentes construções filosóficas e teológicas estabelecidas como verdades da fé e tornadas 'palavra de Deus' nas diferentes expressões do cristianismo. Verdade e liberdade dois conceitos que acompanham a complexidade de nossas vidas, conceitos que nos convidam a refleti-los sempre de novo e tentar apreender algo de sua grande complexidade.

Na caminhada dos estudos bíblicos percebemos que os fariseus tinham uma lógica que estruturava seu pensamento e sua fé, sua verdade e sua liberdade e Jesus tinha outra. Não se tratava para Jesus da lei escrita, mas da lei inscrita em nossos corações como semente plantada que temos que cuidar sempre para que cresça de forma nova nas diferentes

¹ Doutora em Filosofia pela PUC-SP e doutora em Ciências Religiosas/Teologia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Foi professora de Filosofia e Teologia sistemática no Instituto de Teologia do Recife. Tem vários livros e artigos publicados na perspectiva feminista e ecofeminista. É conferencista nacional e internacional e livre pensadora. Desde 1967 é membro da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - cónegas de Santo Agostinho. Membro docente do Instituto Sedes Sapientiae-SP.

situações. Essa semente tem que germinar mesmo se contrariar uma lei escrita porque a vida de cada dia é maior do que o que está escrito e estabelecido. Por isso, não podemos usar uma lei como uma espécie de código fixo que vamos consultar e fazê-la observar apenas formalmente tornando-nos simples profissionais das leis, sem olhar, observar e aprender dos acontecimentos reais da vida. São eles os eventos mais importantes que dão substância à verdade e à liberdade.

Esse caminho que se chama *verdade*

A lei da qual Jesus parece falar é escrita e inscrita em nós de outra forma. É através de outras tintas, outras canetas, outras formas de transmissão, outras formas de execução que ela nos habita. Ela tem a ver com **a verdade que liberta**. O que seria ela? Quem tem acesso a ela? Como se manifesta? Essa é a questão que nos ocupa nesse momento.

Tentar entender algo do que seria a verdade como um caminho que liberta e que deveríamos buscar sempre é o desafio que nos é lançado. Trata-se de um caminho que, segundo Jesus, está escondido aos que se consideram sábios nesse mundo, aos que se consideram doutos e poderosos e ocupam os primeiros lugares nas sinagogas, nas igrejas e nos impérios. Esse caminho se chama **verdade**. Entretanto, os professores da verdade, o que se julgam praticá-la, muitas vezes não têm acesso vital a ela porque tornaram essa verdade doutrina, lei, dogma, teoria imutável. Apenas querem repeti-la e tornam a repetição fidelidade à lei da verdade. Esqueceram-se de sua fonte primeira que é a vida cotidiana frágil e forte ao mesmo tempo. Quiseram aplicar a lei sem analisar a situação de quem dela necessita. Quiseram tornar a lei escrita sua verdade, tornando-a realidade superior e acima da complexa trama da vida.

O que seria então a verdade? Quem teria acesso à verdade? O que é ela de fato, para além dos argumentos de princípios, das generalidades éticas, das leis dos tribunais, das leis do culto e das religiões, das propagandas ilusórias que invadem nossas vidas? O que é mesmo **isto** que chamamos **verdade**? Qual a minha verdade? Qual a sua verdade? Existe de fato uma verdade? E como ela nos conduz à liberdade?

Tomo como referência etimológica imediata a palavra grega **aletheia=verdade**. Refere-se ao não escondido, à des-ocultação de coisas, àquilo que se manifesta em nós e diante de nós frente a um acontecimento. O latim **verum** vai acrescentar a esse sentido algo mais. Vai se referir ao que é **bom** aproximando a bondade da verdade. De todas as maneiras algo podemos intuir do que seria o conteúdo etimológico dessa palavra. Entretanto, estamos sendo provocadas/os a ir mais além das significações etimológicas e tentar apreender algo mais profundo sobre essa palavra. Por essa razão, vale introduzir esse caminho crítico criativo para sairmos de uma espécie de vulgarização e limitação do conceito de verdade. Nessa linha, aquilo que se chama verdade, seria apenas uma palavra que faz coincidir uma coisa com uma palavra, ou ainda, que faz coincidir um julgamento com um ato cometido, um comportamento

com algo que parece transgredir uma lei escrita. Se for só isso estamos no reino absoluto da perigosa objetividade, estaríamos negando as emoções, as circunstâncias imediatas de comportamentos, o coração e suas razões e a própria liberdade. Estaríamos negando os limites das palavras e das leis frente aos acontecimentos. Os erros de julgamento dito objetivo são inúmeros em nossa história e esses tornam essa concepção de verdade circunstancial e falível.

O mistério que nos constitui

É necessário expressar a verdade também como algo que é parte do **mistério constitutivo** de todos os seres, aquele pedaço de nós que apreendemos entre sombras e poucas luzes ao qual não temos acesso pleno. Seria algo entre o saber e o não saber, entre o confessar e o negar, entre a ilusão e a mentira, entre o medo e a coragem, entre a inspiração e a expiração. Seria uma realidade que nos atravessa e se mistura às nossas vidas como o fermento que leveda uma massa. Por isso, volta a pergunta: o que é isto que chamamos de verdade?

Experimento os limites da verdade que emito ou que partilho quando tento analisar uma situação difícil. O desnudamento da verdade muitas vezes nos torna pessoas frágeis, confusas, aparentemente incoerentes. Defendemos a quem amamos, defendemos a nós mesmas/os quando algo ameaça a imagem que acreditamos verdadeira e que temos de nós. Imagem! Sim, construímos imagens de nós, compramos e vendemos essas imagens, nos embriagamos com elas, nos traímos através delas, mentimos a partir delas, queremos aparecer como justos frente a elas. A reação de Jesus frente aos acusadores de uma mulher: *‘Atire a primeira pedra quem nunca pecou’* denota a fineza do sentimento de Jesus frente à acusada e a culpa e compromisso que toca a todos frente às responsabilidades da vida. (Jo 8,1-11)

A verdade se manifesta frente às necessidades humanas: necessidade de pão, daí a verdade da urgência da partilha; necessidade de cura, necessidade de abrigo, necessidade de cuidado e muitas outras. A verdade que nos toca se manifesta, em primeiro lugar, em nossos corpos, em nossas necessidades vitais, em nossas relações.

No fundo se pode afirmar que não existe ‘a verdade’, mas muitas verdades, muitas vivências, muitas facetas, muitos pensamentos que se afirmam como verdades. E é preciso tentar nos aproximar deles através da observação atenta, da descrição, da compreensão do tecido entramado que se chama vida. É preciso estar atentos ao olhar parcial daquilo que nossos olhos vêem e do que nosso corpo sente nas diferentes circunstâncias de nossas vidas.

Assim, a frágil verdade parece ser uma coerência com o momento, a expressão de um sentimento, de um sofrimento, de uma dor expressa em palavras ou em pensamentos/palavras. A expressão disso que sentimos e intuimos chamamos de ‘verdade’. Ela apenas se aproxima da dor, apenas é uma tentativa de capturá-la descrevendo-a e responde de alguma forma a ela através de ações que ajudam a viver. Ao dizê-la ou afirmá-la, dizemos algo e não tudo sobre o que ela é.

O pensamento é bem menor do que a verdade que vivemos, do que a dor que sentimos, do que a confusão que nos invade e o abandono que nos habita. Por isso nos pedem explicações, precisões como se não bastasse apenas constatar as ataduras da vida, as feridas que sangram, os malabarismos múltiplos para apenas sobreviver. E no final, os doutos não aceitam as palavras sobre nossa verdade vital. Só aceitariam se fosse igual às leis escritas, se coincidissem com sua palavra, com seu pensamento, com suas teorias, intenções e interesses.

Frente às diferenças de percepção, de sentimentos e análises soe acontecer a rejeição de nossas precárias 'verdades' e a sua condenação imediata. Por causa disso, instauram-se o terrorismo, os campos de concentração, as guerras mortíferas, as invasões de território, a eliminação da vida, os preconceitos, as prisões, as torturas. Matamos a verdade para fazer triunfar os interesses de um Estado, de uma religião, de uma empresa capitalista, de um Banco, de um partido político. O que importa de fato não é a verdade como presença misteriosa da vida em nós, como condutora da liberdade de cada dia, mas os interesses que temos para que a vida seja mantida através de hierarquias que excluem e se beneficiam mutuamente. Por isso, no Evangelho de João, Jesus afirma que os fariseus julgam segundo a carne, mas Jesus julga segundo a VIDA maior. (Jo 8,15, 16) É a **Vida Maior** que é a verdade, uma verdade vivida num caminho às apalpadelas, isto é, feito a cada dia, um caminho de encontros e desencontros que nos convida ao conhecimento pessoal e coletivo sempre renovável, sempre desafiando-nos a uma liberdade maior.

Por uma verdade caminhante

Essa **verdade caminhante** é a que constrói os caminhos da liberdade, uma liberdade que nos torna capazes de ir além das leis escritas, além das convenções, além das discriminações de muitos tipos, além da proteção mesquinha que dedicamos a nós mesmas/os. É essa liberdade que nos convida a amarmos os diferentes como se fôssemos **um**. Verdade ampla, sempre maior do que nossos julgamentos e interesses. E, é por isso que podemos dizer que essa verdade nos libertará a cada dia de nossa vida porque é um convite à fraternidade e à solidariedade reais que incluem o cuidado com todos os viventes na teia nutriente da **Vida Maior**.

Parece tão simples e tão banal, mas é um caminho que toca as nossas entranhas, que nos faz experimentar as palavras grandiosas que usamos, que nos torna verdade e liberdade precárias como a vida e nos faz sentir os apelos e desafios da '**vida em abundância**' no interior do pluralismo de cada dia e de cada história.

PARA REFLEXÃO:

1. Em que contexto Jesus proclama a expressão 'a verdade vos libertará'? Como ele ocorre em nosso tempo?
2. A autora nos apresenta a verdade como um caminho. Diante dos contextos e relações presentes, de que formas podemos trilhar esse caminho de aproximação?
3. O que mais chamou sua atenção e reflexão neste artigo?